

ELISÂNGELA MOCELLIN

**NÃO ADIANTA ENSINAR A PRODUZIR É PRECISO ENSINAR A
CONSUMIR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à banca do Curso de Especialização em
Educação do Campo da Universidade Federal
do Paraná. Como requisito parcial para
obtenção do grau de especialista.

Profº Orientador: Edmilson Cezar Paglia.

MATINHOS

2011



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral



NÃO ADIANTA ENSINAR A PRODUZIR É PRECISO ENSINAR A CONSUMIR

Elisângela Mocellin¹
Edmilson Cezar Paglia²

RESUMO

Não adianta ensinar a produzir é preciso ensinar a consumir, trata das mudanças dos hábitos de consumo e de produção de alimentos, pertinentes ao sistema capitalista atual. Em uma breve análise é possível compreender o que levou a tais transformações no espaço e na vida dos Agricultores Familiares e nos consumidores em geral. Produções alternativas como a agroecologia se desenvolvem, promovendo o resgate da cultura e identidade de agricultores trazendo também a possibilidade de melhoria de qualidade de vida coletiva, a partir do auto consumo e do consumo da população que vive nas cidades. O presente trabalho tem o objetivo de entender a relação entre a produção e o consumo de alimentos no município de Quedas do Iguaçu – PR bem como apresentar alternativas viáveis a esta relação.

Palavras-chave: Produção; Consumo; Agricultura Familiar.

1 INTRODUÇÃO

¹ Educanda do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Laranjeiras do Sul, e-mail: elimocellin@yahoo.com.br.

² Educador Orientador, UFPR Litoral.

O desenvolvimento econômico está muito presente na sociedade contemporânea, acarretando uma série de prejuízos sociais, econômicos e ambientais. Neste sentido, se faz necessário entendermos essas transformações, a partir da dinâmica de produção e consumo da sociedade.

Embora este processo venha se desenvolvendo em uma perspectiva histórica, repleta de fatos e ações que levaram a atual conjuntura de desigualdades promovidas por organismos vivos e dominadores, ainda é possível promovermos mudanças, pautadas no conhecimento, em uma perspectiva democrática e capaz de seguir em direção a sustentabilidade.

Deste modo, é importante avaliarmos os nossos hábitos de consumo, por que a partir deles, determinamos o que é produzido e de que forma é produzido, garantindo a sustentabilidade de quem produz e a garantia de qualidade de vida a quem consome.

O objetivo desse trabalho é entender a relação existente entre os hábitos de consumo atual e a sua influencia na produção, por meio da pesquisa realizada com consumidores de diferentes níveis de escolaridade, no município de Quedas do Iguaçu, localizado na região centro-oeste do estado do Paraná.

2 A EVOLUÇÃO DO MERCADO CONSUMIDOR DE ALIMENTOS

No último século ocorreram transformações significativas no âmbito social, econômico e ambiental mundial, uma delas foi o aumento da população em proporções aceleradas. Estima-se que atualmente nascem em torno de 200 mil pessoas por dia no planeta e esta população depende das necessidades básicas de sobrevivência inerentes aos seres humanos tais como a alimentação, o saneamento, a moradia, etc.

Estas transformações se tornaram mais intensas a partir da segunda metade do século XX, após a Segunda Guerra Mundial, através das políticas internacionais de desenvolvimento econômico lançada por países considerados “potencias mundiais” que promoveram uma verdadeira metamorfose a nível mundial, aliado ao desenvolvimento tecnológico que tomou grandes proporções em meados da década de 90, atingindo todos os setores da economia, com conseqüências catastróficas para a sociedade e o meio ambiente.

O Campo não ficou alheio a essas mudanças, pois sua dinâmica está diretamente ligada ao “desenvolvimento” da sociedade contemporânea. Com o paradigma tecnológico lançado no pós guerra, houve uma verdadeira inversão de valores nos aspectos culturais, sociais e econômicos inerentes ao campo.

A inferiorização das pessoas, a partir de seus princípios de cultura, fraternidade, produção e consumo, tornaram-se um dos mecanismos prioritários para essas transformações no campo. A universalização da educação foi um dos elementos que possibilitou a disseminação do novo modelo de sociedade, pautada na formação de mão-de-obra para garantir o sucesso da era industrial que estava se consolidando. Para a ASSESOAR,

“de maneira geral, corremos atrás das ‘tecnologias de ponta’, encantados pelos seus anunciados milagres promovendo uma ocultação e desqualificação das alternativas ecológicas na produção, onde o ‘artesanal’ é tido como atrasado, não evoluído e de baixa produtividade...Está ocultação das possibilidades autônomas, em relação ao controle das multinacionais, passa pelos meios de comunicação, pela formação em escolas e universidade e pela atuação de técnicos e empresas” (2010, p.07).

Como conseqüências desencadearam-se os grandes movimentos migratórios do campo para as cidades em busca de trabalho e da melhoria de qualidade de vida prometida pelo novo modelo. As pequenas propriedades se fundiram, dando ainda mais espaço aos latifúndios monocultores e a produção de alimentos passou a ser gerida em larga escala para atender o mercado externo em um processo conhecido como internacionalização da produção. Além disso, extensas áreas deixaram de ser meras produtoras de alimentos e passaram a produzir matéria- prima para alimentar a indústria de combustíveis, ração animal, madeira, etc..., que cresce atrelada ao consumo exorbitante de mercadorias e alimentos industrializados.

A homogeneização da produção levou as indústrias a se instalarem no espaço de produção de matéria-prima e a alta tecnologia fazendo com que a mão-de-obra se tornasse desnecessária no campo, gerando uma desestruturação de famílias, separando seus membros e comprometendo sua função de socialização através da dispersão. As comunidades rurais, também acabam sofrendo processo idêntico nas relações de vizinhança que atualmente tem sido substituída pelas relações impessoais das grandes multidões que se concentram nas cidades.

Por outro lado, ouve uma valorização exagerada do consumo diversificado, tanto de bens duráveis quanto de alimentos industrializados, a partir dos meios de comunicação, gerando uma sociedade de consumo padronizada e alienada, resultante da obsolescência programada, que tem o acúmulo de capital como fator determinante e que por sua vez, aumenta ainda mais os impactos negativos da sociedade e do meio ambiente. Como diz Biro (2010), "A produção e o consumo passam a dar sentido às práticas e representações sociais. O consumo passa a ser uma necessidade simbólica que dá coesão e ordenação social". Neste paradigma, também estão as políticas de produção que tornam o regime alimentar obsoleto e sujeito a constantes mudanças para viabilizar o círculo vicioso do sistema. Para a ASSESOAR

"Enquanto aumenta o crédito, a disponibilidade de insumos e máquinas do 'pacote' agrícola, a sedução e as facilidades das novas tecnologias, cresce o uso de transgênicos e ocorre uma diminuição das famílias que praticam a agroecologia ... no geral, as políticas oficiais continuam favorecendo, a produção de 'alimentos' altamente contaminados por químico e venenos e agora transgênicos... trazendo graves impactos para a Agricultura Familiar". (2010, p. 07)

Neste contexto, a relação entre o consumo e a produção passa a ser cada vez mais estreitas, exigindo de quem produz alimentos e matéria-prima, um grau de conhecimento elevado, para acompanhar a demanda do consumo em geral. No entanto, os meios de produção utilizados atualmente, tendem a beneficiar uma minoria de consumidores que criaram um padrão de vida exorbitante e desnecessário, capaz de comprometer muito mais o próprio sistema.

Paralelos ao consumo estão as campanhas com o slogan de preservação do meio ambiente, ou em benefícios sociais, promovidas pelas próprias empresas multinacionais, que tornaram-se uma nova fonte de obtenção de capital, pautada na 'conscientização' das pessoas sobre suas responsabilidades com o meio em que vivem, maquiando sua imparcialidade em torno das conseqüências sociais ambientais, geradas pelas grandes corporações.

Nesta perspectiva, ações conjuntas e oficiais passam despercebidas aos olhos da população, como é o caso da Agenda 21 e a Carta da Terra, documentos elaborados em conjunto com organismos internacionais, a partir de um amplo

debate em torno dos rumos que o Sistema Capitalista está dando a humanidade e as transformações no espaço.

A Agenda 21 em seu capítulo 4 prevê que, “devemos desenvolver uma melhor compreensão do papel do consumo e da forma de se implementar padrões de consumo mais sustentáveis”. Atrelado a essa idéia temos ainda a Campanha da Fraternidade 2011 com o tema “Produzir e consumir em harmonia com a natureza” que propõe uma redução do consumo e o desenvolvimento de uma econômica solidária, como alternativa para a melhoria de qualidade de vida da população e o equilíbrio ambiental.

Embora a intenção de cada campanha promovida por movimentos sociais, ONGs ou outras entidades, seja em benefício comum, a resistência pessoal tornou-se uma barreira para grandes avanços, levando-se em consideração que as pessoas estão inebriados com a possibilidade de acumular bens materiais, que foi imposta ao longo do tempo e que de certa forma continua sendo veiculada através dos meios de comunicação, principalmente da internet, consolidando o pensamento inerente ao capital.

3 OS MEIOS DE PRODUÇÃO E A AGRICULTURA FAMILIAR

Assim como o consumo, os meios de produção passaram por um processo de evolução histórico, pautado no ‘desenvolvimento’ econômico proposto pelo sistema capitalista. As práticas artesanais de produção de alimentos cederam lugar às tecnologias que foram se aperfeiçoando cada vez mais. Aliadas as políticas públicas, tornaram-se predominantes no sistema agrícola, expulsando do campo aqueles que não conseguiram se adequar a elas.

Em vista disto, o campo passou a ser o lugar que vai além da produção de alimentos, tornando-se também o lugar de movimentação de capital através da produção de matéria prima em larga escala, para alimentar as indústrias famintas que se re/criam a partir do consumo re/produzido pelo capitalismo.

Esta dinâmica avaçaladoura contribuiu significativamente para a fragilidade da Agricultura Familiar, com conseqüências gravíssimas em todo o sistema. A fome e a violência crescente, não só no campo, mas também nas cidades, são exemplos do caos provocado pelo modelo de produção implantado. Além disso, vem causando um esgotamento do solo e dos recursos naturais a partir do uso inadequado de

máquinas agrícolas e a perda de fertilidade natural com a utilização de fertilizantes de alta solubilidade e de agrotóxicos.

Mas o mais grave foi a perda de confiança dos agricultores em sua própria capacidade e no valor de seus conhecimentos. Para a ASSESOAR(2007,p.85), “ao contrário do que pregavam as multinacionais e os governos, a Revolução Verde não acabou com a fome do mundo. Ao invés disso, intensificou a pobreza, o desemprego, a violência e a falta de esperança”.

Diante dessas transformações surgem discussões acirradas e se constituem os movimentos sociais apresentando uma proposta de resgate de identidade e valores culturais para recompor a Agricultura Familiar fragilizada pelo sistema. E os movimentos vão ganhando adeptos nacionais e internacionais, na discussão de novas matrizes de produção e de padrões de consumo coerentes com a capacidade natural e social do planeta.

O modelo de produção agroecológica é um dos mecanismos que vem sendo discutido atualmente por vários movimentos que se firmaram para enfrentar o paradigma do capital, através do uso adequado dos recursos naturais e a valorização do conhecimento tradicional dos nossos antepassados, resgatando a identidade cultural e dignidade social.

Para a ASSESOAR(2007,p.85) “Longe de ser uma volta ao passado, a Agroecologia é um passo para o futuro, uma garantia de melhor qualidade de vida para agricultores e moradores de centros urbanos”. Envolvendo o consumo de produtos que representam saúde a população e responsabilidade ambiental, levando-se em conta o que produzir e como produzir.

Além disso, a produção agroecológica é uma prática familiar que envolve princípios de fraternidade e solidariedade, ausentes no modelo de produção atual. E para que seja considerado realmente um avanço, segundo ASSESOAR

“... a Agroecologia deve levar em consideração o fato de não ser mais um pacote tecnológico, mas um modo de fazer agricultura. É um movimento que envolve pessoas e não mão-de-obra. Preocupa-se em garantir a sobrevivência e o bem-estar do agricultor, onde não haja explorados e exploradores, onde o lucro seja valorizado, havendo retorno econômico equilibrado entre seus envolvidos.”
(2007,p.85)

Neste sentido, a produção de alimentos passa a ser prioridade dos agricultores, levando em conta a valorização do ambiente e de seus recursos naturais, potencializando a segurança alimentar que hoje está comprometida pela

soberania alimentar imposta por algumas corporações que propagam a homogeneidade de produção, pautada na biotecnologia e na mecanização agrícola.

Atualmente, os produtos estão cada vez mais sujeitos as exigências de critérios de qualidade inspecionados por organismos específicos, inibindo a prática de uma Agricultura Familiar, além disso, há os supermercados que causam grande impacto nos fornecedores tradicionais, com uma variedade de produtos industrializados e comercialmente preparados para convencer o consumidor. Mas os agricultores tem como alternativa a organização em associações e cooperativas que priorizam o trabalho coletivo e a qualidade de vida através de seus produtos (alimentos), possibilitando ainda o resgate de valores culturais esquecidos, porém necessários.

4 EDUCAÇÃO DO CAMPO X PRODUÇÃO E CONSUMO

Atualmente o campo é considerado espaço de resistência, frente à barbaria do sistema capitalista. No entanto, esta realidade vem sendo reescrita na última década, por meio de políticas públicas conquistadas a partir de muita luta dos movimentos sociais e da organização de pessoas que acreditam na transformação da sociedade.

A Educação do Campo é uma das políticas públicas que despontaram neste novo paradigma, com a função de instruir e educar o ser humano, em uma perspectiva de equilíbrio, solidariedade e fraternidade.

O desafio atual é conhecer e saber usufruir das tecnologias que são lançadas no mercado a todo momento, para ‘facilitar’ a produção e obter maior lucro. Com tudo, estas tecnologias sempre foram favoráveis a um grupo restrito de pessoas com domínio de capital e principalmente de informações, provocando o avanço das desigualdades sociais atuais.

Desse modo, a Educação do Campo tem o papel fundamental de levar aos trabalhadores e trabalhadoras do campo o conhecimento necessário para uma produção e consumo de alimentos, com aproveitamento de tecnologia e principalmente dos valores culturais adquiridos através de gerações.

Não é tarefa fácil para os(as) educadores(as) e nem para os(as) educandos(as), tendo em vista, a evolução e o domínio exercido pelo mercado

capitalista, através dos meios de comunicação. No entanto, como prevê a Secretária de Estado da Educação – SEED,

“A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes a sua realidade, ancorando-se na sua temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de Ciência e Tecnologia disponível na Sociedade e nos Movimentos Sociais em defesa de projetos que associem as soluções por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país”.(SEED,2010 apud MEC, 2002, p.37)

A conquista deste objetivo depende de muita organização pedagógica e escolar e para a SEED, (2010 p.26) “um desafio está posto à Educação do Campo: considerar a cultura dos povos do campo em sua dimensão empírica e fortalecer a educação escolar como processo de apropriação e elaboração de novos conhecimentos.”

Embora o campo represente uma diversidade sociocultural visível, representada pelas etnias, valores culturais ou organizações diferenciadas, há possibilidade de progresso a partir da educação, desde que ela esteja vinculada a um projeto de desenvolvimento peculiar aos sujeitos que a concernem, como sugere a SEED, 2010. Neste sentido também a SEED, (2010 p.207 acrescenta que “a Educação do Campo deve ter como fundamento o interesse por um modelo cujo foco seja o desenvolvimento humano”.

Sendo assim, a Educação do Campo tem uma função fundamental na orientação referente à produção e consumo de alimentos, bem como, na organização e valorização das famílias no seio de sua propriedade e na comunidade, viabilizando o projeto de Agricultura Familiar que caminha em direção a sustentabilidade social e ambiental, em uma perspectiva de desenvolvimento espacial.

Os hábitos de consumo das pessoas só poderão ser revistos a partir do conhecimento e de uma avaliação crítica ao modelo atual de consumo e produção, fundamentados principalmente em Escolas do Campo. E os Agricultores Familiares só terão êxito com produções alternativas mediante as mudanças dos hábitos de consumo destas pessoas. Tornando-se assim, um dos princípios da Educação do Campo.

Atualmente o município de Quedas do Iguaçu no Paraná, que se encontra a 427 km da capital, Curitiba, conta com uma população de 30.270 habitantes sendo que destes, 19.630 vivem na área urbana e 7.735 na área rural (IBGE,2010).

A produção agrícola e pecuária do município tem a predominância da matriz tecnológica tradicional, tanto nas famílias que correspondem ao interior pioneiro, quanto às famílias localizadas no Assentamento de Reforma Agrária concretizado em 2005. Ocorrendo a concentração na produção agrícola de soja, milho; pecuária de leite e aves e silvicultura de pinus e eucalipto.

Nas práticas alternativas segundo funcionários da EMATER/PR encontra-se um número bem reduzido de agricultores, que trabalham com a produção diversificada de alimentos para comercialização, por meio da participação em cooperativas e associações, que se distribuem em: Associação dos Produtores Orgânicos de Quedas do Iguaçu com 10 associados; a Cooperativa da Agricultura Familiar Integrada de Quedas do Iguaçu (COPAFI), com 42 associados, a Cooperativa da Agricultura Familiar de Quedas do Iguaçu (COAFI) com 105 famílias participantes e a Cooperativa de Produtores de Leite de Quedas do Iguaçu (COPERLEITE), com 260 associados. Este grupo de produtores associados comercializa sua produção a partir do mercado do produtor, de feiras livres, venda direta ao consumidor e de programas governamentais como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), implantados pela Lei nº 11.947/2009, que complementa em 30% a merenda escolar, com produtos provenientes da Agricultura Familiar.

O que observei é que mesmo tendo opções de consumo de produtos provenientes da Agricultura Familiar, o número de consumidores ainda é bastante reduzido, principalmente no que diz respeito às feiras livres e ao mercado do produtor. Aqueles que realizam venda direta ao consumidor apresentam mais êxito, embora tenham que andar muito para vender toda a produção e ainda enfrentam a concorrência de vendedores que trazem produtos de outros municípios e estados, utilizando-se de caminhões e equipamentos de som para atrair o consumidor.

Realizei entrevista com pessoas de diferentes níveis de escolaridade para investigar os hábitos de consumo e o conhecimento a respeito da origem dos produtos consumidos atualmente e percebi grande variação de opiniões em relação aos padrões de consumo e a possíveis mudanças nestes hábitos.

No que diz respeito às mudanças de hábitos de consumo nos últimos 20 anos, todos concordaram que ocorreram muitas mudanças, principalmente na quantidade e variedade de produtos inseridos no mercado, a industrialização e a acessibilidade dos mesmos.

Em relação aos benefícios que estas mudanças proporcionaram a família, as opiniões se dividem. Os profissionais com nível superior responderam que não houveram benefícios e sim o comprometimento da saúde familiar, devido aos agrotóxicos, conservantes e transgênicos que fazem parte da produção atual. Já as pessoas com formação básica incompleta, avaliam as mudanças como benéficas para família, pois “hoje tem mais opção de consumo”.

Todos os entrevistados disseram que consomem produtos provenientes da Agricultura Familiar, embora em quantidades bem reduzidas, compondo apenas alguns elementos da alimentação básica. No entanto, para os entrevistados com nível básico incompleto, foi necessário esclarecer antes o que é Agricultura Familiar.

Quanto à origem dos produtos, a maioria desconhece, segundo os entrevistados, porque é comprado em supermercados e na maioria das vezes não param para observar sua origem, devido à pressa na hora da compra ou as informações apresentadas em letras muito pequenas, dificultando a visualização.

Ao perguntar sobre a possibilidade de reduzir o consumo de alimentos e produtos industrializados ou mudar os hábitos familiares atualmente, os profissionais de nível superior responderam que sim, a partir da conscientização, educação ambiental, de informação, da força de vontade, mas que é uma tarefa bastante difícil para todos. Os entrevistados com nível básico incompleto disseram que é muito difícil porque já estão acostumados neste ritmo de consumo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados apurados, foi possível observar que a variedade de produtos provenientes da Agricultura Familiar ofertados aos consumidores ainda é bastante reduzida, limitando-se ao fornecimento de alguns tipos de verduras, temperos, mandioca, batata doce, frutas, etc. devido ao próprio número de consumidores que também ainda é pequeno e principalmente porque a legislação proíbe a venda de produtos como: leite e derivados, galinha, ovos, compotas, pães e doces sem inspeção.

Outro fator determinante neste caso é a própria organização dos Agricultores Familiares em grupos, associações e cooperativas para a agroindustrialização destes produtos e a comercialização. Bem como na própria gestão destes grupos para viabilizar a produção e comercialização.

Os Agricultores Familiares já estão tomando consciência da necessidade de se organizar e principalmente de diversificar sua produção para comercialização do excedente, mas é necessário ampliar as políticas públicas e capacitar estes produtores para que eles possam se inserir no mercado.

A educação também é um elemento fundamental para a transformação social e cultural coletiva, pois é a partir de uma educação de qualidade, que as pessoas conseguem discernir suas atitudes e promover mudanças de comportamento. E no campo é fundamental a existência de uma educação voltada para esta realidade, com o resgate da identidade e dos valores do campo, com princípios de heterogeneidade na produção e no consumo de alimentos saudáveis.

Deve ser uma educação acessível a todos e todas, pois o conhecimento científico aliado as experiências vivenciadas no dia-a-dia vão dar mais segurança na hora do consumidor escolher seus alimentos, observando principalmente a origem e qualidade dos alimentos, em uma perspectiva social e ecológica, fortalecendo ainda a Agricultura Familiar.

Para proporcionar mudanças significativas na qualidade de vida de quem produz e de quem consome, não adianta continuar tratando o problema é necessário tratar o 'gerador' do problema em todos os sentidos. Na agricultura precisamos voltar às raízes, levando em consideração os princípios de família, solidariedade, saúde e equilíbrio. E isso só será possível a partir do momento em que negarmos coletivamente o que nos controla passivamente que é o sistema capitalista e reivindicarmos a concretização dos direitos previstos na Constituição a partir de políticas públicas coerentes com a realidade e necessidade do nosso país.

7 REFERENCIAS

Agenda 21 Global. Disponível em:http://www.cqgp.sp.gov.br/gt_licitacoes/publicacoes/AGENDA%2021%20GLOBAL%20CAP%C3%8DTULO%204.pdf. Acesso em: 18 de julho de 2011.

ASSESOAR. Disciplina de Desenvolvimento Rural Sustentável para além da disciplina e do rural. Série Educação – nº 05. Francisco Beltrão: Grafit, 2007, p 85.

BIRO, Janos. Produzir para consumir para produzir para consumir 2010. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/2691707>. Acesso em 20 de julho de 2011.

SEED. Secretária de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná – Educação do Campo. Curitiba: MEMVAVMEM, 2010. P.26 e 27.

Sociedade de consumo. Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$sociedade-de-consumo](http://www.infopedia.pt/$sociedade-de-consumo). Acesso em: 20 de julho de 2011.

Revista Cambota/ Associação de Estudos e Assistência Rural – ASSESOAR. Pelo direito a não contaminação química e biológica. Ano 36, n 262 (2010). Francisco Beltrão: ASSESOAR, 2010. P.07.